



Lição indígena

Crianças Waimiri Atroari dançam no pátio da aldeia: ensinando costumes e cultura

José Tiago

Waimiri dão aula prática a estudantes

Um grupo de 15 estudantes trocam as aulas teóricas de História do Amazonas pelo aprendizado prático. Eles conheceram, no final de semana, o Projeto Waimiri Atroari, no quilômetro 250 da rodovia BR-174. A visita à aldeia foi organizada pelo Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas (Ipaam) com o objetivo de levar os alunos a conhecer o projeto. Os estudantes assistiram a danças de crianças índias e aprenderam sobre os costumes dos índios.

• Pág. A/4

528

Amazônia em Tempo
21 de 198 A 1244
Waimiri - Atroari

Documentação

Em Foco



Troca de informações
Meninos waimiri mostram aos estudantes visitantes como utilizar o arco e a flecha. Final do mês os indígenas vêm a Manaus

Fotos: José Tiago

Contato

Estudantes conhecem os Waimiri

Um grupo de 15 estudantes teve o sábado inteiro para conhecer de perto os índios Waimiri Atoari, localizados no quilômetro 250 da Rodovia BR-174

Roseane Pinheiro

Última final de semana será inesquecível para um grupo de 15 estudantes da rede pública e particular. Eles deixaram os livros de história de lado e foram ver de perto o cotidiano de uma aldeia de índios Waimiri Atoari, no quilômetro 250 da rodovia BR-174. A viagem aconteceu no sábado e foi organizada pelo Instituto de Proteção Ambiental do Estado do Amazonas (Ipaam).

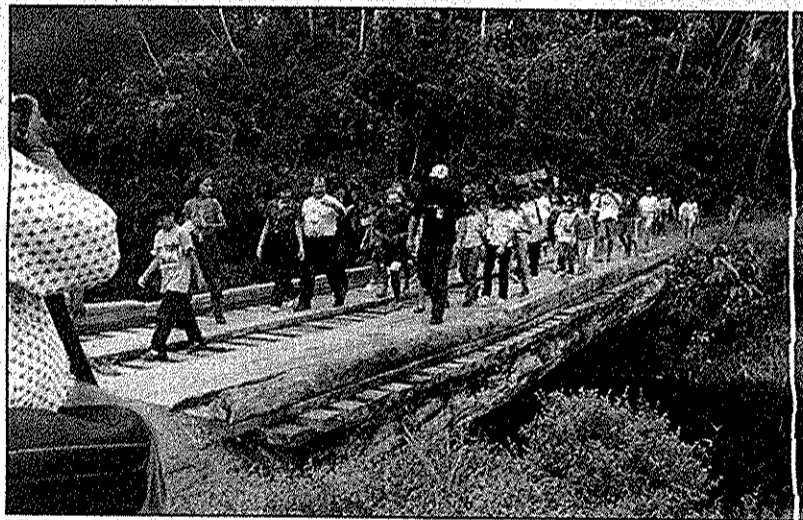
A visita, que foi aprovada em reunião com os líderes indígenas, durou o dia todo e foi acompanhada por técnicos, pedagogos e uma médica do Instituto.

A primeira parada, já no estado de Roraima, foi no Projeto Waimiri Atoari, criado em junho de 1988, para preservação da cultura da comunidade indígena. Para ambientar os alunos, funcionários do projeto

explicaram a finalidade da visita e apresentaram professores das escolas locais. Os visitantes foram recepcionados por um grupo de crianças indígenas, que depois levaram todos para a aldeia Mynawa, distante 8 km do local.

Os Waimiri Atoari pertencem ao grupo linguístico Karib. Hoje, são apenas 760 índios - já foram 3 mil na década de 60 - divididos em 17 aldeias. A reserva está localizada ao norte do estado do Amazonas e sul do estado de Roraima. A comunidade vive da caça, pesca e da coleta de frutos silvestres. Cultiva roças coletivas onde plantam principalmente mandioca, banana, abacaxi, entre outros.

Os estudantes de Manaus, durante todo o sábado, travaram contato com um pouco do cotidiano dos Waimiri Atoari. A aldeia Mynawa é formada por três malocas. Nela vivem 115 índios, destes 51 estudam na escola, onde aprendem inicialmente a língua mãe e depois o



Visita

O grupo de estudantes chega à aldeia para travar contato com os indígenas

português e outras disciplinas, sempre com enfoque na cultura Waimiri. Na escola, que também é uma maloca, estão afixados cartazes sobre saúde bucal, números, animais e o alfabeto. Tudo na língua Karib, como forma de preservar a identidade cultural da comu-

nidade.

Curiosidade

Os estudantes se mostravam interessados pelas explicações e faziam muitas perguntas. Na escola conheceram o artesanato,

feito por crianças e adultos: o *beri* (cocar simples), a *wotyky* (roupa de cipó masculina) e o *kime'e* (pente) e outras peças. O professor Pedrinho, da aldeia Airite, mostrava tudo com orgulho e tirava todas as dúvidas dos estudantes, que conheceram um brinquedo Waimiri Atoari, o *wybytyty*, um pião redondo. As brincadeiras na aldeia não têm hora, explicou Pedrinho, pois as crianças brincam quando querem.

Além da maloca e da escola, outros lugares visitados foram a casa de farinha e a área de cultivo, que fica um pouco distante da aldeia.

Ao fim da visita, na parte da tarde, a certeza de que a lição do dia foi aprendida. A estudante Mariana Nogueira, 13, gostou da escola Waimiri Atoari. Ela não se queixou da caminhada pela aldeia e teve fôlego até para dançar com as colegas, uma toada, cantada por todas. Os pequenos Waimiri também dançaram e ensinaram os meninos brancos a flechar.

"A gente tem uma visão bem diferente deles", disse Mariana. "Quando os visitamos, notamos que são bem diferente do que aprendemos. Não são selvagens ou violentos. Eles são é muito legais". Para outra estudante, Karen de Souza, 12, o maior aprendizado ficou por conta do respeito à natureza. "Os índios fazem suas casas sem causar danos ao meio ambiente".

Entre as crianças Waimiri Atoari, a breve convivência também trouxe pontos positivos e expectativas. "Gostei dos visitantes. Tenho vontade de conhecer a cultura deles", comentou o adolescente Pascoal. O líder José Maria, da aldeia Paryry, que levou a filha pequena, Nilda, para a visita, chamou a atenção das mudanças que podem ser ocasionadas pelo contato entre as culturas distintas. "No futuro, essas crianças nos ajudarão a preservar a nossa cultura", previu.

Programa é criado para salvar cultura indígena

Até o ano 2013, a meta do Programa Waimiri Atoari é alfabetizar todas as crianças da comunidade na língua materna: o Karib. Atualmente 30% dos 437 alunos das 17 aldeias estão alfabetizados. O esforço tem como objetivo salvar a cultura Waimiri Atoari, ameaçada desde a década de 60 com a construção de obras dentro da reserva indígena.

O programa, surgido de um convênio entre a Funai e a Eletronorte em 1988, foi elaborado por um grupo de trabalho interdisciplinar e institucional, como forma de minimizar os impactos causados pelo reservatório da Hidrelétrica de Balbina. É uma proposta de ação indigenista com atuação nas áreas de saúde, educação, meio ambiente e apoio à produção, documentação e memória, fiscalização e vigilância.

Os primeiros contatos com os índios Waimiri Atoari aconteceram no século passado, quando iniciaram os primeiros conflitos. A área habitada por eles está localizada entre dois eixos: os rios Camanau-Curiuá, afluentes do rio Negro, a BR-174 e o rio Alalaú.

Na década de 60, o projeto Waimiri Atoari calcula que existiam na área 3 mil índios. Com a abertura da BR-174, a ação da Mineradora Taboca e a construção da Hidrelétrica de Balbina os conflitos se acirraram provocando um verdadeiro extermínio - em 1980 haviam 370 Waimiri Atoari. A estrada atravessa 40 km dentro da reserva, de 2,5 milhões de hectares, demarcada em 1987. A hidrelétrica também causou danos aos índios - 30



Cultura

Carmem: autonomia indígena deve ser conseguida até o ano 2013

mil hectares foram alagados.

Acometidos pelas doenças, pelo descaso e os conflitos, a população Waimiri Atoari ficou reduzida, voltando a crescer apenas nas décadas de 80 e 90. Hoje a comunidade é formada por 740 índios com crescimento vegetativo de 7% ao ano.

O líder da comunidade Waimiri Atoari, Mário Paruwe, não esquece da época em que "brancos ameaçaram índios". O desejo do líder é que as próximas gerações fixem no futuro a cultura Waimiri Atoari, sem esquecer o que viveram. Mário, interlocutor entre os órgãos governamentais e os índios, sabe dos perigos da aculturação: o fim dos costumes e os sofrimentos. "Visitar a cidade é bom, mas morar é ruim, a gente perde nossa cultura",

comentou.

A coordenadora do subprograma de educação Waimiri Atoari, Carmem do Vale, explicou que o objetivo do programa é fazer com que os índios consigam sua autonomia até 2013 e preservem sua cultura. Nas 17 escolas, espalhadas pelas aldeias, disse ela, a língua materna é ensinada primeiramente, em seguida os alunos aprendem o português oral e o escrito. Outras disciplinas, como agronomia, matemática e história, são ensinadas à luz dos costumes Waimiri Atoari, levando em conta os hábitos de caça, coleta e pesca. Carmem afirma que o contato entre crianças das duas culturas é salutar. "O intercâmbio cultural pode ensinar o respeito às populações não-indígenas", avaliou.

Estudantes Waimiri vão retribuir visita no dia 30



Professor Marcelo: preocupação na educação e na preservação cultural

O presidente do Ipaam, Vicente Nogueira, que integrou a visita à reserva Waimiri Atoari, dia 30, a Manaus. Elas vão conhecer a cidade, assistir a filmes, visitar escolas e também conhecer a periferia.

Para os Waimiri Atoari, essa foi a segunda visita de alunos não-indígenas a uma das 17 aldeias da reserva. O contato, para eles, significa criar a consciência do respeito aos seus hábitos culturais e reafirmar a herança deixada por seus ancestrais,

que sofreram perseguições e o genocídio.

O professor Waimiri Atoari, Marcelo Ewepe, da aldeia Iawara, resume a importância da convivência entre as crianças das duas culturas. "Não queremos perder nossa fala e nossa cultura. Precisamos então educar as crianças para que elas saibam que devemos levar para o futuro os nossos costumes, conhecendo, escrevendo e lendo com a nossa língua".